

PREFÁCIO

As bandas filarmónicas fazem parte daquilo que existe de mais autêntico e digno de preservação no património cultural do nosso país e eu creio em que será sempre de saudar tudo o que faça frente ao sedentarismo caseiro das populações em frente das pantalhas electrónicas dos computadores, *conversando* pela Internet com desconhecidos do Alasca ou da Tailândia - enquanto nem sequer sabem o nome do vizinho que todos os dias cruzam na escada... - ou, pior ainda, ao nomadismo poluente dos fins de semana, feriados e correspondentes *pontes*, com os milhares de automóveis que se alinham em filas intermináveis de espera à entrada e à saída das principais cidades, muitas vezes com rumo a nada...

As festas populares, as feiras, as romarias, continuam a exercer um real sortilégio sobre as pessoas, mas a concorrência e a promoção organizada das atitudes inúteis e do conformismo é cada vez mais intensa e lesiva da verdadeira qualidade de vida.

O coreto ainda se vai mantendo no centro de algumas localidades, com especial incidência na chamada província, mas figura cada vez mais na lista dos monumentos a conservar, o que será sem dúvida melhor do que assistirmos à sua demolição, mas não augura nada de muito positivo em relação à sua vitalidade como centro gerador de música e de cultura.

Por outro lado, considero que a existência dos coretos e de toda a sua simbologia como lugar de congregação popular, não deveria prender-se exclusivamente à música das bandas, e desde há muitos anos que luto - ainda que sempre em vão, há que dizê-lo... - por um projecto de dinamização desses locais, no sentido de também aí se realizarem concertos com outros repertório, mormente música de câmara.

Haverá que lembrar que as pessoas que visitam grandes cidades estrangeiras vêm muitas vezes impressionadas com a qualidade da música que se ouve nas ruas ou até nos corredores dos metropolitanos e lamentam que esse tipo de manifestações se associem sistematicamente em Portugal à imagem dos mendigos que pedem esmola...

Ora, seguindo a velha máxima árabe, segundo a qual, se Maomé não vai à montanha, deverá a montanha vir a Maomé, mesmo admitindo a muito controversa afirmação de que o grande público português é naturalmente relapso a assistir a concertos, haverá que lembrar que a dinamização dos coretos levaria os concertos até àqueles locais onde é fácil conglomerar assistências vastas.

O livro que Delmar Domingos de Carvalho nos apresenta, denominado "Coretos do Distrito de Leiria" é um magnífico contributo para a

tomada de consciência de uma realidade que poderá e deverá encarar-se como um ponto de partida.

Com efeito, para além de ser um estudo cuidadosamente organizado e fotograficamente documentado acerca do património cultural que esses coretos representam a nível arquitectónico, o livro também estabelece as reais ligações dos coretos e da música filarmónica à evolução histórica dos povos.

O leitor fica informado acerca de uma realidade viva que talvez muitos já encarassem como pertença exclusiva do passado: os coretos do distrito de Leiria subsistem, o que significa que, graças a alguns apoios responsáveis, conseguiram sobreviver às diversas *invasões* que põe sistematicamente em risco a integridade cultural do nosso país: uma construção civil arrasadora de tudo o que represente um espaço de verdadeira liberdade para as pessoas e a música vomitada por altifalantes que polui a acústica das mais diversas localidades, nomeadamente nas praias, nas esplanadas, até nos transportes públicos...

De facto, a música existe para ser escutada *quando a quisermos ouvir*, e não para ser abusivamente imposta ao quotidiano subconsciente dos cidadãos, dentro dos mais condenáveis princípios da lavagem ao cérebro.

O coreto é, por excelência, um local em torno do qual as pessoas - voluntária e conscientemente - se reúnem para ouvir música, e é animador verificar que algo se tem feito pela sobrevivência desse elemento cultural.

Mas há também que acrescentar que não basta garantir que eles sobrevivem, pois é preciso fazer algo de lúcido e de eficaz para que eles *vivam!*

É igualmente para aqueles que, no exercício de um qualquer poder, se escudam na ignorância dos factos para pouco ou nada fazerem de positivo, este livro poderá servir como elemento esclarecedor e orientador.

A handwritten signature in black ink, consisting of several overlapping, stylized loops and strokes, positioned at the bottom center of the page.